

Dentro da noite escura

Alexandre Bonafim*

a Donizete Galvão

!O noche amable más que la alborada!

San Juar de La Cruz

I

O silêncio, feito correnteza
de instantes amordaçados,
corta meus pulsos,
acorrenta meus sonhos,
atirando-me na procela
de pensamentos desfeitos.

Apesar do branco da página,
da lâmina e do nada,
o poema se insurge
como iluminura, tênue flama
a incendiar o acaso.

* Nasceu em Belo Horizonte. É poeta, ficcionista e crítico literário. Publicou os seguintes livros de poesia: Biografia do deserto (2006), A outra margem do tempo (2008), Sob o silêncio do anjo (2009) e Sagração das despedidas (2009). É mestre em Estudos Literários pela UNESP e doutorando em Literatura Portuguesa pela USP. O poema "Dentro da noite escura" pertence ao livro, ainda inédito, Arqueologia dos acasos. contato: alexandrebonafim@hotmail.com

II

Morre o poema?

Jamais.

Mesmo sem nascer
ele nos inscreve
no absoluto do Verbo,
na plenitude do real.

III

Os acidentes, o grito,
a pedra, a faca,
erguem-se contra a mão
pronta para colher
o sal das palavras.

Os desastres todos da existência
revoltaram-se contra o poema.
Todavia esse sopro ofusca o sol,
arrebenta-se contra as tempestades
e inscreve no nada o leve
adejar dos milagres.

IV

O que pode a morte contra o poema?
Qual a força do desespero ante o encantamento
vindo do clamor fecundo da vida?
O que pode o nada contra a fúria da palavra?
Qual solidão é capaz de destruir esse sopro
feito do ardor de toda fragilidade?

O poema abre o peito contra a tarde,
contra o delírio dos desastres
e se joga do mais alto precipício

até despencar desnudo
no êxtase pleno da vida.

V

Os algozes preparam a força!
Os chacais conclamam o grito!
Os traidores preparam a armadilha!
Mas o poema, de rosto límpido,
tingido pela diáfana luz da manhã,
atravessa, serenamente, os pórticos,
os corredores, o Gólgota,
com a serenidade daqueles
que amaram a Vida
acima de todas as coisas.
No cume do martírio,
todos escarram na face
do poema.
Todos riem da mansidão
desse cordeiro sereno.
Ao lado de cada chaga
a ferir as palavras,
há uma mãe em pranto,
em oração.
Ao lado do sangue desse cálice,
há sempre o irmão mais jovem,
a exortar a força do Verbo.
O poema caminha despido
de ódio, desfeito em amor.
No final de todo silêncio
uma ressurreição conclama
a iluminação das palavras.

VI

Senhor! Senhor!

Que noite escura é essa,
a mais densa, a da alma?

Senhor! Senhor!

Minha boca cortou-se na sede!

Meus pulsos rasgaram-se no deserto!

Senhor! Senhor!

Que treva noturna é essa,
que me entreveja em toda lança,
que me amputa em toda cama?

Senhor! Senhor!

Meus sonhos rasgaram-se em brancas páginas!

Minhas palavras quebraram-se em turvas sombras!

Senhor! Senhor!

Que noite escura é essa,
a mais árdua, a da alma?

Estou abandonado e ferido!

Perdi pai e mãe, filhos e irmãos!

Senhor! Senhor!

Que desespero é esse,
feito dessa humanidade
tão ínfima, tão cortante!

Senhor! Senhor!

Que noite escura é essa,
a mais férrea, a do silêncio?

VII

Da noite nasceu o fogo,
uma música desceu dos céus.
Em toda casa fez-se nascimento.
Em toda boca insurgiu-se o canto.

Ele veio do mais alto sol,
da pátria mais distante.
Trazia os pássaros ao mundo,
a água aos mares.
Em todo recanto nasceram rosas,
bosques de olorosa seiva.
Os desertos tornaram-se fecundos rios.
As geleiras abriram-se em delicados jardins.
Ele vinha festejando as magias,
acalentando nuvens,
celebrando vinhas.
Os cabelos esbatidos pelo mistério.
A barba crespa, dourada em dulcíssimo mel.
Os olhos fecundos de maresias
e veleiros de ardentes crepúsculos.
Nunca a beleza foi tão humana.
Nunca o encanto foi tão humilde.
De seus braços nasciam as constelações.
De seu peito escorriam as galáxias.
Os cegos abriram os olhos para o Poema.
Os paráliticos dançaram até o Verbo.
Os assassinos pacificaram-se na Palavra.
Ele veio serenamente
e semeou o pão e o vinho
no deserto dessa página.